

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Trindade, Maria Beatriz Rocha, 1938- . e outros

A Comunidade de Negócios Chinesa em Portugal. Catalizadores da
Integração da China na Economia Global. / Maria Beatriz Rocha-
Trindade, Miguel Santos Neves, Annette Bongardt
ISBN 972-9222-87-8

I - Neves, Miguel Santos

II - Bongardt, Annette

CDU 339
314
334

Ficha Técnica

Título: A Comunidade de Negócios Chinesa em Portugal. Catalizadores da Integração da China na Economia Global.

Autores: Annette Bongardt, Miguel Santos Neves e Maria Beatriz Rocha-Trindade

Colaboradores: Luís Boavida (capítulo 2), Carlos Ho (capítulo 4), Tereza Ventura
(concepção do inquérito e análise estatística no âmbito do capítulo 4).

Editor da série de Assuntos Europeus: Francisco Torres

ISBN: 972-9222-87-8

Depósito legal n.º 247475/06

Editor:

INA – Instituto Nacional de Administração
Palácio dos Marquês de Pombal
2784-540 Oeiras
Tel: 21 446 53 39
Fax: 21 446 53 68
URL: www.ina.pt
E-mail: edicoes@ina.pt

Capa: Sara Coelho

Gráfica: J.M.G. - Art. Pap., Artes Gráficas e Publicidade, Lda.

Tiragem: 1000 exemplares

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida por qualquer processo electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia, xerocópia ou gravação, sem autorização prévia do autor.

As opiniões expressas nesta obra são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

RESUMO

Este estudo analisa a comunidade de negócios chinesa em Portugal com base numa investigação original. A análise desta comunidade é feita quer na perspectiva da sua interacção com o tecido empresarial português quer da sua integração no mercado internacional, em particular as suas ligações com as redes de *Overseas Chinese* na Europa e com a China.

Palavras-chave: *Comunidade empresarial chinesa em Portugal; rede de Diáspora chinesa; Fluxos de imigração chinesa; política externa; política de emigração; relações económicas Portugal-China.*

ABSTRACT

This study provides an in-depth analysis of the Chinese business community in Portugal on the basis of original research. It analyses the community's business strategy both from the point of view of its interaction with the local Portuguese entrepreneurial fabric and of its integration into the international market, particularly its ties with the Chinese business networks in Europe and with China.

Keywords: *Chinese business community in Portugal; overseas Chinese network (guanxi); Chinese immigration flows; Foreign policy; Immigration policy; Portugal-China economic relations.*

SUMÁRIO EXECUTIVO

Este estudo analisa a comunidade de negócios chinesa em Portugal com base numa investigação original. A análise desta comunidade é feita quer na perspectiva da sua interacção com o tecido empresarial português quer da sua integração no mercado internacional, em particular as suas ligações com as redes de *Overseas Chinese* na Europa e com a China.

O estudo pretende contribuir para colmatar o deficit de conhecimento relativamente ao funcionamento das redes de *Overseas Chinese* na Europa bem como as bases das suas vantagens competitivas tendo como pano de fundo a integração da China na economia global através do comércio e do investimento e as suas repercussões locais e sectoriais.

O aumento dos fluxos de imigração chineses para a Europa intensificou-se desde a década de 90, apresentando igualmente uma tendência de diversificação na medida em que para além dos países de imigração tradicional como o Reino Unido, França, Alemanha e Holanda, se registam novos fluxos para a Europa do Sul, nomeadamente a Itália, Espanha e Portugal. Este aumento dos fluxos é em parte explicável pela crescente internacionalização da economia chinesa, reflectindo uma nova lógica de imigração “de oportunidade” apoiada em políticas pró-activas de apoio por parte das autoridades chinesas.

No caso de Portugal, o fenómeno da imigração chinesa é relativamente recente e a comunidade tem uma dimensão reduzida, estimando-se em cerca 15 mil. Em todo o caso, é de assinalar o forte crescimento dos fluxos migratórios para Portugal desde a segunda metade da década de 90 (quadruplicou entre 1995 e 2003) em resultado quer da re-emigração de outros países europeus quer do aumento da imigração da República Popular da China (RPC) proveniente maioritariamente da província de Zhejiang.

A Investigação foi desenvolvida com base em pesquisa original fundada em fontes primárias obtidas a partir de questionários e entrevistas realizadas com empresários chineses e associações empresariais no período entre Novembro de 2003 e Março de 2005. O estudo integra-se num projecto mais amplo financiado pela FCT que aborda igualmente as questões da política de imigração e dos fluxos migratórios chineses para a Europa.

A comunidade de negócios chinesa em Portugal é heterogénea existindo antes três sub-grupos: os empresários oriundos de Moçambique que chegaram a Portugal na década de 1970; os empresários chineses da RPC, o grupo dominante que consiste na sua maioria

de originários da província de Zheijang (tal como noutros países europeus, em especial na Europa do Sul), cuja imigração se iniciou na década de 1980; e os empresários provenientes do triângulo do Sul da China na década de 1990 (Macau, Hong Kong e Taiwan).

Estes três grupos diferenciam-se não apenas pela origem geográfica mas sobretudo pela língua, referências culturais e pela amplitude da sua rede de contactos internacionais, pelo que têm identidades diferentes e funcionam de forma separada com um baixo nível de interacção entre si. Trouxeram consigo não só os contactos internacionais com clientes e fornecedores mas também, como valor acrescentado, a sua integração nas redes de *Overseas Chinese*. O segundo grupo, constituído por empresários da RPC, representa uma emigração em duas fases distintas. O primeiro sub-grupo, que imigrou nos anos 80, enquadra-se numa "imigração de necessidade" motivada pelas dificuldades económicas na RPC e escolheu Portugal fundamentalmente pela existência de laços familiares com emigrantes já radicados. O segundo sub-grupo, que imigrou a partir da segunda metade da década de 90, enquadra-se numa "imigração de oportunidade" tirando partido do processo de integração da economia chinesa na economia mundial e que escolheu Portugal com base nas oportunidades de negócio. Neste último sub-grupo realça-se que não encararam Portugal de forma isolada mas como parte integrante do mercado europeu. Estes fluxos de imigração da RPC a partir de meados dos anos 90 têm tido um papel pró-activo na promoção da integração da China na economia global: como janelas de entrada das exportações chinesas e também mobilizando e canalizando investimento directo para a China.

Relativamente às características do negócio podemos afirmar que as empresas chinesas são tipicamente microempresas e pequenas empresas (com uma estrutura de decisão centralizada) de cariz familiar. Contudo, tal não implica que não existam empresários com alguma dimensão até internacional. Estes empresários, na linha do modelo de organização empresarial chinesa, optam por um conjunto de PME's em vez de uma grande empresa o que reduz a visibilidade e permite uma melhor gestão do risco. Este objectivo é conseguido através de dois mecanismos distintos: dispersão geográfica do negócio envolvendo diferentes estabelecimentos em diferentes zonas do país; e diversificação sectorial com diferentes empresas a operar de forma articulada em sectores diferenciados. Verifica-se uma flexibilidade elevada que se traduz na rapidez de entrada e saída num determinado negócio e segmento de mercado. A resposta às mudanças está mais associada à saída de um sector para outro do que à adaptação às mudanças de mercado no mesmo sector, dificultada pela natureza centralizadora dos processos de decisão controlados pelo líder do grupo familiar.

Quanto ao sector de actividade, as empresas chinesas operam sobretudo no sector dos serviços, com particular incidência no comércio quer de retalho quer grossista, bem como

no *import-export*. Este facto traduz uma evolução na medida em que o peso do tradicional sector da restauração diminuiu. Além disso, verifica-se que em regra as empresas chinesas funcionam numa escala mais alargada que o mercado nacional, nomeadamente ibérica e europeia, e que atingiram um certo grau de sofisticação na medida em que adoptam uma perspectiva de cadeia de valor alargada que também já começa a incluir o sector secundário. De notar que uma das tendências inovadoras é a emergência do investimento chinês na indústria, sobretudo no sector têxtil e vestuário, repetindo-se assim em Portugal um fenómeno já verificado anteriormente noutros países europeus como em Itália e Espanha. Os empresários chineses têm uma abordagem integrada do mercado europeu, tirando partido de fornecedores mais competitivos noutros países membros e aproveitando oportunidades de entrada em novos segmentos ou mercados à escala europeia.

A comunidade de negócios chinesa explora a sua rede de *guanxi*, que se estende para além de Portugal, abrangendo outras comunidades na União Europeia, para obter condições mais favoráveis, incluindo crédito comercial. A confiança mútua no seio destas redes permite reduzir os custos de transacção. As empresas chinesas relacionam-se sobretudo com outras empresas chinesas em Portugal enquanto clientes e fornecedores, mas contrariamente às expectativas têm um relacionamento com outras empresas chinesas mais complexo e abrangente. Um dos traços mais notáveis é o número de empresas com relações com empresas chinesas que operam noutros países da União Europeia, surgindo Espanha, França e Itália como os mais importantes, essencialmente como fornecedores, o que sugere a existência de uma rede à escala europeia relativamente desenvolvida. Esta rede traduz relações privilegiadas de *guanxi* que por sua vez permitem aos empresários chineses em Portugal reforçar a sua competitividade através da obtenção de crédito comercial e de preços e condições de pagamento mais favoráveis. A abordagem europeia também se manifesta através do aproveitamento de oportunidades de negócio noutros países europeus. Neste contexto, salienta-se que sobretudo o grupo dos imigrantes mais recentes tem grande mobilidade no espaço europeu, tendo mesmo em alguns casos a sua entrada em Portugal resultado de uma re-emigração a partir de outro país europeu. Conclui-se, portanto, que os empresários chineses têm uma visão à escala europeia muito mais pronunciada do que muitos empresários portugueses a nível de PME's cuja focagem está ainda muito restrita ao mercado nacional ou mesmo local.

O nível de relacionamento dos empresários chineses com a RPC é intenso, privilegiando as zonas de origem. O resultado mais significativo é que essas relações não se limitam a um plano social mas têm cada vez mais uma dimensão económica quer ao nível comercial quer, ainda mais relevante, ao nível do investimento directo na China. Com efeito, cerca de 20% dos empresários chineses têm investimentos na China, motivados pelas oportunidades de negócio associadas ao crescimento da economia e pela

diversificação num sector de negócio diferente daquele em que operam em Portugal. Esta intensificação dos laços económicos com a China traduz uma convergência de interesses dos empresários chineses em Portugal e das autoridades regionais na China, uma vez que aqueles desempenham funções estratégicas como portas de entrada de exportações da RPC na Europa e como angariadores de investimento estrangeiro.

O associativismo chinês tem uma ligação muito estreita e uma função instrumental para a dinamização das relações económicas entre os empresários chineses em Portugal e a China. É interessante notar que o associativismo chinês em Portugal tem objectivos essencialmente externos e não tanto internos, servindo fundamentalmente para fortalecer as relações privilegiadas com o governo chinês e as autoridades regionais, concedendo aos dirigentes um estatuto especial e um tratamento mais favorável.

Os empresários chineses mantêm relações privilegiadas com a China e desempenham um papel estratégico no plano informal, como agentes de "paradiplomacia" de províncias e governos locais chineses, no processo de integração e consolidação da posição competitiva da China na economia global. No entanto, o papel potencial que poderiam desempenhar na abordagem do mercado chinês por parte das empresas europeias, em particular das pequenas e médias empresas, bem como na canalização dos novos fluxos de investimento chinês para a Europa, não tem sido concretizado em consequência das diferenças de cultura empresarial, da tensão entre as lógicas de *guanxi* e contratual de regulação dos interesses no mercado e, no caso das PME's portuguesas, da aversão à cooperação inter-empresarial e do seu baixo nível de internacionalização.

Estes constituem, sem dúvida, alguns dos principais obstáculos ao aproveitamento da oportunidade que a comunidade de negócio chinesa representa para a economia portuguesa. Um novo olhar, mais positivo e estratégico, sobre a comunidade de negócios chinesa em Portugal por parte dos empresários portugueses e do governo português constitui, no quadro da resposta aos desafios da globalização, uma mudança de paradigma essencial.

As características e funcionamento da comunidade de negócios chinesa têm também implicações significativas para as políticas externa e de imigração portuguesas. Do ponto de vista da política externa, em especial da diplomacia económica, esta comunidade deve ser encarada por Portugal como um activo nas relações com a China, em especial na perspectiva da descentralização e diversificação das relações bilaterais, em particular com regiões e municípios de origem dos imigrantes, bem como o reforço de *know-how* sobre o mercado chinês e a cultura de negócios chinesa essenciais para a internacionalização e abordagem com sucesso do mercado chinês pelas empresas portuguesas. O grande desafio do ponto de vista da política externa é transformar estes empresários em embaixadores informais dos interesses portugueses na China.

Na perspectiva da política de imigração, o fenómeno da diáspora chinesa põe em causa as concepções tradicionais da política de imigração reactiva, centrada no plano interno, 'monolítica' e uniforme para todos os fluxos. Os fluxos migratórios chineses comprovam a necessidade da política de imigração ser pensada na perspectiva da globalização e coordenada com as políticas económicas de internacionalização para atracção de investimento estrangeiro e abordagem de mercados externos. Por outro lado, em consequência da elevada incidência de empresários, a imigração chinesa levanta a questão da necessidade de diferenciação no tratamento de diversos tipos de fluxos migratórios.